

Desafios e resiliência na resposta global à Aids



» ANDREA BOCCARDI VIDARTE
Diretora e representante do Unaiads no Brasil

Ao final de 2024, o mundo estava mais perto do que em qualquer momento nas últimas três décadas de acabar com a Aids: 31,6 milhões de 40,8 milhões de pessoas vivendo com HIV estavam em tratamento, ajudando a impulsionar uma queda de 40% em novas infecções e de 56% em mortes relacionadas à Aids desde 2010.

Após décadas de progresso, 2025 foi um ano de profundas interrupções e retrocessos para a resposta global à Aids. Os ganhos conquistados com muito esforço — alcançados através da ciência, da solidariedade, da liderança das comunidades e do compromisso político — foram abalados por cortes no financiamento, desigualdades crescentes e novos obstáculos aos serviços essenciais em todo o mundo. O alerta se intensificou: se os países não ampliarem os serviços de HIV, acontecerão 3,3 milhões de novas infecções adicionais por HIV até 2030.

No entanto, no meio desses desafios, há também uma história de resiliência, resistência, oportunidade e compromisso político.

Há 40 anos, o Brasil vem mostrando ao mundo que a resposta à Aids só funciona se for baseada em direitos humanos e colocando as pessoas no centro. A valorização dos movimentos da sociedade civil foi fundamental para que hoje vejamos um Sistema Único de Saúde (SUS) que disponibiliza às pessoas

as diferentes estratégias de prevenção ao HIV, além de diagnóstico, tratamento e serviços integrados de saúde a nível de atenção primária.

Para além das políticas de saúde, o Brasil reconhece que as desigualdades limitam o acesso das pessoas aos seus direitos. Os números mostram que a Aids não é uma questão apenas de saúde, mas também de desigualdades que precisam ser superadas: um estudo da Fiocruz publicado neste ano demonstrou que a incidência de HIV entre beneficiárias do Bolsa Família caiu 47%, enquanto a mortalidade por doenças relacionadas à Aids diminuiu 55%. Por isso, é urgente promover políticas de assistência e proteção social para reduzir as desigualdades.

O Brasil mostra em números esse compromisso: em 2024, o país registrou 9.157 mil mortes por doenças relacionadas à Aids, o menor número de mortes em 32 anos.

Porém, em todo o mundo, a resposta à Aids sofreu grandes choques. Reduções abruptas no financiamento internacional interromperam programas de prevenção, fecharam clínicas comunitárias e sobrecarregaram os serviços de tratamento em todo o mundo.

Mais importante ainda, temos novas ferramentas que nos dão esperança para o futuro. Os medicamentos injetáveis de longa duração — uma inovação que pode proteger as pessoas por meses — oferecem a chance de transformar a prevenção do HIV, especialmente para mulheres jovens, adolescentes, populações-chave e comunidades onde é difícil tomar comprimidos diariamente.

Lenacapavir e cabotegravir, os medicamentos injetáveis de longa duração, podem ser utilizados para tratamento a pessoas resistentes ao tratamento oral e tiveram bons resultados em estudos

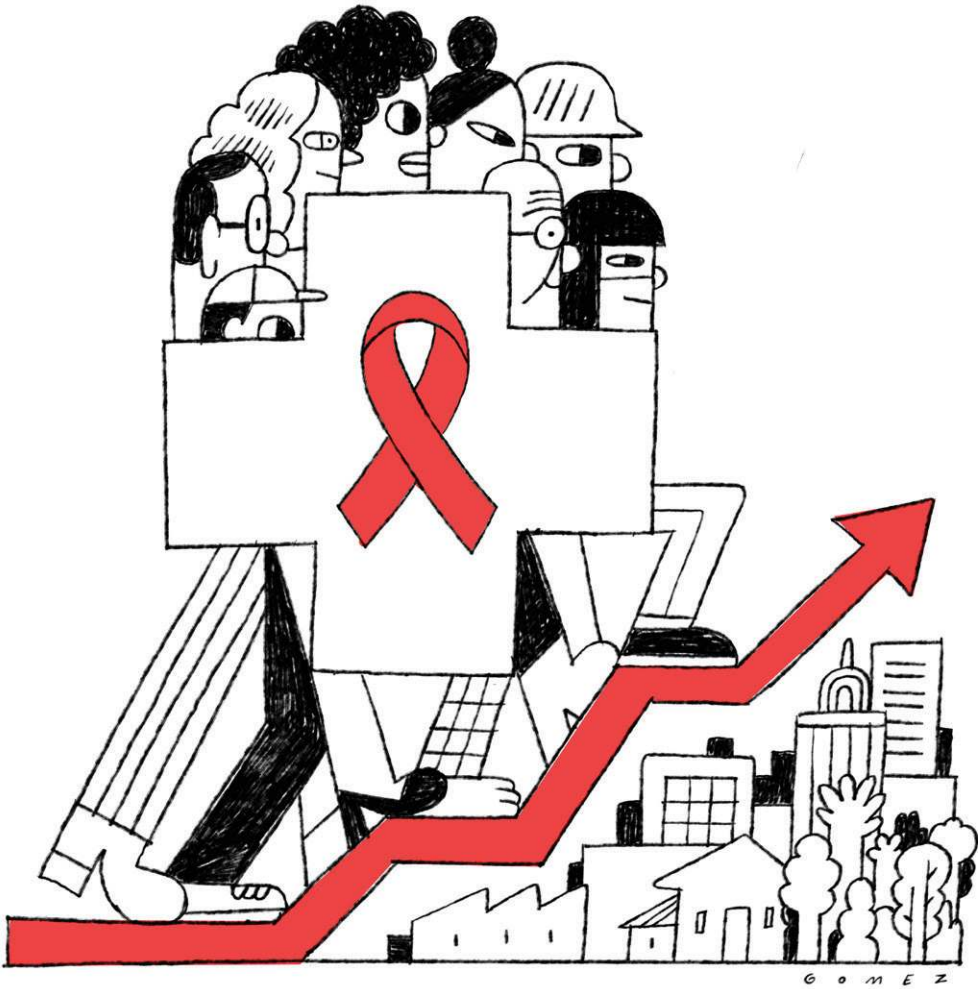
também para prevenção. Os estudos clínicos demonstraram que o lenacapavir teve eficácia de 100% para prevenção em mulheres cis e 96% para pessoas trans, homens cis gays e homens cis que fazem sexo com homens.

Essa tecnologia pode mudar o rumo das novas infecções. Os medicamentos injetáveis de longa duração poderiam evitar 50 mil infecções em três anos se fornecidos a 2 milhões de pessoas em alto risco. Mas temos uma barreira que amplia as desigualdades: o alto custo do medicamento — o valor médio é de R\$ 4 mil por dose, o equivalente a 2,5 salários mínimos no Brasil. Além disso, maioria dos países da América Latina, incluindo Brasil, foi excluída do acordo de licenciamento voluntário do lenacapavir.

Temos em nossas mãos a possibilidade de recalculiar a rota para determinar quais serão as prioridades para a resposta global à Aids. Nesta semana, o Brasil sediará a 57ª Reunião da Junta de Coordenação de Programa do Unaiads, que vai aprovar a próxima Estratégia Global para a Aids 2026-2031. Esse documento guiará as prioridades dos países para a resposta à Aids, a disponibilização de novas tecnologias de longa duração e como os governos podem estabelecer respostas multisetoriais à Aids que não sejam baseadas apenas em ferramentas biomédicas, mas também em educação, alimentação, direitos e moradia.

Não podemos nos dar ao luxo de recuar agora. Ao investir nas comunidades, adotar novas tecnologias e manter a solidariedade global, podemos superar as barreiras e acelerar o progresso que o mundo tem trabalhado tão arduamente para alcançar.

Vamos nos unir para acabar com todas as formas de preconceito e discriminação.



Por que o Brasil ainda não é uma potência turística?



» RENATO DE SÁ TELES
Coordenador do PROFMAT/Unifesp-Diadema

O Brasil é um país de dimensões continentais, com biodiversidade única, um vasto litoral e uma riqueza cultural que funde influências diversas. Temos o Pantanal, a Amazônia, o sertão, as Cataratas do Iguaçu, metrópoles vibrantes e cidades históricas. Em tese, possuímos todos os elementos para figurar entre as maiores potências turísticas. Entretanto, quando nos comparamos com o resto do mundo, o cenário revela um desperdício que se repete há décadas.

Em 2024, a França recebeu cerca de 100 milhões de visitantes. A Espanha atraiu aproximadamente 94 milhões, e o México, com 45 milhões, mostrou como planejamento consistente transforma ativos naturais e culturais em riqueza. O Brasil, mesmo registrando seu melhor resultado histórico — 7,68 milhões de turistas internacionais entre janeiro e outubro de 2025 —, permanece muito aquém de sua capacidade. A disparidade não é mero detalhe estatístico: ela simboliza uma incapacidade crônica de converter potencial evidente em desenvolvimento, empregos e receita.

O turismo é uma das atividades econômicas que mais geram emprego e distribuem renda, exigindo investimentos relativamente baixos por vaga criada. Cada real movimentada uma ampla cadeia econômica. Ainda assim, o país perde bilhões de dólares

por não estruturar adequadamente esse setor, comprometendo a renda de curto prazo e, sobretudo, o desenvolvimento sustentável de regiões que poderiam ter no turismo sua principal vocação.

O cerne do problema está na gestão. Décadas de negligência, instabilidade institucional e burocracia excessiva impedem que parques, museus, praças e patrimônios recebam manutenção adequada. Em muitas regiões, o visitante encontra estruturas deterioradas, sinalização deficiente, serviços escassos e insegurança, fatores que prejudicam a experiência e afetam a imagem internacional do país.

Quando ativos públicos são administrados por concessões bem estruturadas, o contraste é evidente. O Parque Nacional do Iguaçu e o acesso ao Corcovado são exemplos de como a combinação entre gestão privada qualificada e regulação pública eficiente resulta em infraestrutura aprimorada, geração de empregos, aumento de arrecadação e preservação ambiental. Esses casos demonstram que ampliar concessões com responsabilidade é parte fundamental da solução, integrando, também, educação, conservação e participação comunitária.

Experiências regionais reforçam esse diagnóstico. Gramado e Blumenau construíram ecossistemas turísticos sólidos baseados em planejamento, empreendedorismo local e eventos de grande porte, como o “Natal Luz” e a “Oktoberfest”. Esses municípios mostram que continuidade e profissionalização transformam destinos em motores econômicos e culturais.

Outro obstáculo estrutural é a precariedade do transporte. Apesar dos 21,1 milhões de deslocamentos domésticos em 2023, viajar pelo país continua caro e limitado. O preço médio das passagens

aéreas está entre os mais altos da América Latina e faltam alternativas eficientes. O Brasil carece de uma rede ferroviária moderna que conecte regiões turísticas; não possui linhas marítimas regulares de transporte de passageiros em seu litoral; e tampouco desenvolveu uma política integrada de mobilidade turística que garanta deslocamentos mais baratos, seguros e sustentáveis.

A ausência de trens de passageiros é grave. Em países que levam o turismo a sério, o trem é parte da experiência. Aqui, poucas linhas sobrevivem. A ligação Curitiba-Morretes, considerada uma das viagens ferroviárias mais belas do mundo, comprova que turismo e trilhos funcionam juntos e geram receita. O mesmo vale para a Amazônia: abandonar a malha fluvial é desperdiçar o modal mais adequado, sustentável e integrado à realidade regional, justamente no momento em que o ecoturismo cresce globalmente.

Superar esse quadro exige abandonar ações fragmentadas e construir uma política nacional contínua, com metas claras e investimentos garantidos. O Brasil precisa recuperar e conceder patrimônios com regulação eficiente; investir em aeroportos regionais; reintroduzir e modernizar o transporte ferroviário e fluvial; qualificar profissionais; promover o país de forma estratégica; e estimular o turismo interno com alternativas de mobilidade acessíveis.

O turismo gera empregos, dinamiza economias locais, fortalece identidades culturais e promove conservação ambiental. Um país com nosso potencial não pode continuar preso à improvisação. Ainda há tempo para mudar — falta apenas coragem política e compromisso com um pacto nacional que trate o turismo como prioridade estratégica.

Arte e natureza para conscientizar dos riscos das mudanças no clima



» RUTH HELENA LIMA
Gerente de Marketing e Comunicação do Banco da Amazônia

Quando pensamos na criação do Centro Cultural do Banco da Amazônia, tínhamos como principal objetivo promover e valorizar a cultura amazônica, conectar a região ao mundo e servir como um espaço de expressão artística. Porque nós sabíamos que teríamos o que mostrar a partir de nosso ecossistema cultural amazônico intenso, renovável, profundo — irmanado com a arte viva da natureza. Com a COP30 movimentando Belém, tivemos a certeza de que nossa percepção estava correta.

Correta porque não é originária de nós, mas fruto de nossa ancestralidade. A região amazônica tem um compromisso com a cultura que antecede, e muito, os debates sobre sustentabilidade e preservação ambiental. Sabemos disso desde 1878, quando foi inaugurado o Theatro da Paz de Belém — do qual hoje somos vizinhos. Considerado pelo Iphan um teatro-monumento e patrimônio histórico, é o primeiro teatro de ópera da Amazônia e um dos primeiros teatros líricos do Brasil. Promovemos e cultuamos a arte, portanto, antes de o Brasil virar República.

O mundo mudou, a importância da preservação ambiental surgiu e virou consciência global, e isso impactou mais ainda na cultura da nossa região, tão rica e diversificada. Porque valorizou a produção local, os ritmos, as cores, os ambientes, os sons, os sabores nativos. No século 19, o chique era trazer artistas de fora. Hoje, somos nós quem exportamos valores e atraímos turistas de todos os cantos para assistirem às nossas produções culturais.

Quase 130 anos depois, meio ambiente e cultura se entrelaçaram na COP30 de Belém. Os líderes mundiais e empresários discutiram caminhos para financiar o desenvolvimento sustentável. Mas, em paralelo aos debates políticos, econômicos e sociais, uma vida pulsante com shows, apresentações de cinema, teatro, exposições, irmanando povos de diferentes origens em um bem intangível e, ao mesmo tempo, visível e palpável: a arte.

É certo dizer que, oficialmente, foi a primeira vez que os dois temas dialogaram de uma maneira tão direta, íntima e explícita. Mas só quem é leigo é capaz de distanciar-los no imaginário popular. Mas, dessa vez, de forma mais nítida, a comunhão entre arte e natureza pôde ser vista em vários momentos na cidade, em diversas ações realizadas, patrocinadas ou apoiadas pelo Banco da Amazônia.

Foi vista na primeira ação itinerante promovida pelo nosso Centro Cultural, pulverizando cultura por diferentes espaços da capital paraense. Como ponto de partida, nada mais natural que uma obra roteirizada e dirigida por uma mulher paraense forte, conhecida nacionalmente, mas que sempre enalteceu e valorizou as origens e o solo no qual deu os primeiros passos, tanto artísticos quanto na vida: Dira Paes.

Pasárgada, o filme, foi inspirado no poema *Vou-me embora pra Pasárgada*, de Manuel Bandeira, e funcionou como um exemplo de conexão da sociedade urbana, corrida, tumultuada, com o mundo natural e a capacidade de escuta dos sons e da alma da floresta.

A mesma veia artística levou o Centro Cultural Banco da Amazônia a aderir a um programa de sucesso, existente desde 2023: Uma Noite no Museu. Pois é. Lembra dos dois filmes sucessos de público e crítica com o saudoso autor Robin Williams? A ideia é semelhante. Visitas noturnas — sem direito a sustos com obras ganhando vida, obviamente — para que os visitantes possam apreciar obras diversas nos espaços culturais que compõem o Sistema Integrado de Museus e Memoriais.

E a nossa estreia foi em alto estilo. A fachada foi transformada na primeira galeria de arte urbana da cidade, projetando obras visuais que celebram a vanguarda artística da região. A entrada foi preenchida por duas instalações. A primeira, intitulada *Banzeiro*, da artista Roberta Carvalho, representa um mergulho imersivo em um túnel onde se projetam imagens dos rios amazônicos em diálogo com sons e palavras, proporcionando uma experiência sensorial que conecta arte, natureza e linguagem.

A segunda é uma instalação da artista visual e poeta Keyla Sobral, que conta com a curadoria de Orlando Maneschy, apresentando frases-poema que expressam sonhos e esperanças para o futuro da Amazônia, convidando à reflexão sobre diversidade e coletividade.

No espaço interno, três grandes exposições: *Man-dela: Ícone Mundial de Reconciliação*, uma exposição inédita com 50 painéis fotográficos e uma instalação audiovisual que retratam a trajetória do líder sul-africano; *Habitar a Floresta* traz 14 projetos arquitetônicos inspirados nos saberes ancestrais de povos tradicionais da Amazônia e da América Latina; e *Clima: O Novo Anormal*, que une arte e ciência para abordar a crise climática global.

A COP30 durou apenas o mês de novembro. O legado dela, no entanto, vai se estender e esperamos que se torne perene. Que a cultura se torne cada vez mais acessível e inclusiva e que exalte as nossas tradições e raízes, assim como a magia da arte e a beleza da natureza: sempre presentes.